

A notícia como instrumento político: uma análise da cobertura jornalística sobre a construção da hidrelétrica de Belo Monte nos jornais paraenses¹

Sonielly Eliete Alves FARIAS²
Sônia Michele Dalmacio LOBO³
Will Montenegro TEIXEIRA⁴

Faculdade De Estudos Avançados Do Pará (FEAPA)

Resumo

Este artigo apresenta uma análise da cobertura jornalística sobre a construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte nos jornais O Liberal e Diário do Pará. O período analisado foi o mês de março de 2016. O estudo apresenta os focos empregados das matérias e a evidência do predomínio no teor político, sem levar em consideração outras temáticas pertinentes ao assunto, como Meio Ambiente e Amazônia, ambos ligados diretamente com a construção da usina. A aplicação da teoria instrumentalista predomina na análise junto à teoria espiral do silêncio, mostrando que as notícias servem como instrumento de pequenos grupos políticos que objetivam passar seus ideais e interesses à sociedade.

Palavras-chave: Belo Monte; Jornalismo; Política; Cobertura.

Introdução

O presente estudo pesquisou e analisou as matérias sobre a Usina Hidrelétrica de Belo Monte nos Jornais paraenses O Liberal e o Diário do Pará. Instigar o tema é mais que tentar mostrar de que maneira a imprensa se reproduz, além disso, é perceber os seus efeitos causados pela presença ou ausência de comprometimento social e ambiental, observar se há equilíbrio ou não no debate, se há participação democrática ou restrita, ou se as informações ganham o peso necessário aos fatos envolvidos. Embasados nas teorias do jornalismo, o presente estudo firmou-se na hipótese de que as matérias de Belo Monte da grande imprensa estiveram relacionadas aos entrelaces de interesses econômicos de poder.

Constatando-se pelo foco de cada matéria analisada de que os interesses econômicos atrelados à política estão acima de outros interesses sociais, que envolve meio ambiente, direitos à vida, a educação, saúde, a moradia entre outros que foram violados com a

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo da FEAPA, email: sonielly2014@gmail.com

³ Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo da FEAPA, email: soniamichelidalmacio@gmail.com

⁴ Orientador de trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da FEAPA, email: willmontenegro@hotmail.com

construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte a imprensa tem fundamental participação se tornando protagonista ativa desses interesses através dos fluxos dessas informações no meio social.

1- A usina de Belo Monte

Os olhares voltados para a Amazônia ocorrem há séculos. Sua importância, atribuída às riquezas que possui, por exemplo, recursos hídricos, reservas florestais, minérios entre outros tem deixado a população vulnerável às ações, que buscam a utilização de forma desenfreada dessas divíncias. A população composta em sua maioria por ribeirinhos, índios, quilombolas, ou seja, nativos da região ou não, sofrem com a falta de qualidade de vida proveniente de uma Região que tem muito a oferecer para poucos, como relata a autora:

Nas últimas décadas, enormes massas vegetais, que incluem madeiras nobres, vêm sendo queimadas impiedosamente. De 1500 a 1970, ou seja, em 470 anos, apenas 2% de toda a floresta amazônica havia sido destruído; em apenas 30 anos (1970 a 2000), segundo o INPE, 14% foi devastado. Trata-se de um desastre sem precedentes contra o maior patrimônio natural do planeta Terra, contra a economia e a sobrevivência dos habitantes naturais – caboclos, ribeirinhos, índios e outros. (LOUREIRO, 2002, p. 113)

É na Amazônia que existe uma grande biodiversidade, que requer a preservação, porém este bem é a cada dia ameaçado, pelo desmatamento ambiental, ocasionada por interesses econômicos. Atualmente, vem sendo construído um dos mais significativos empreendimentos no que diz respeito a matriz energética no Brasil: a Usina Hidrelétrica de Belo Monte (UHB), próximo a Altamira, município do estado do Pará. Para Loureiro (2002), a obra é noticiada pelos veículos de comunicação de forma rasteira, sendo assim, apresenta apenas os supostos benefícios gerados à população que lá reside e ao Brasil.

Foi em julho de 2011, que Belo Monte começou a ser construída ao longo do rio Xingu, que abrange também as cidades de Vitória do Xingu e Senador José Porfírio, no estado do Pará, Amazônia brasileira. A Usina Hidrelétrica de Belo Monte, prevista para ser a terceira maior hidrelétrica do mundo, com potência para gerar mais de 11000 MW/hora – tem proporcional capacidade de criar controvérsias e conflitos. Sua instalação, atualmente a obra prioritária do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) do governo federal brasileiro foi inicialmente planejada em meados da década de 1980, como uma das obras de infraestrutura e integração da Amazônia do então governo militar, na época o projeto era denominado *kararaô*.

Loureiro (2002) explica que na década de 70 a frase ‘Terras sem homens para homens sem terras’, imortalizada pelo general Emílio Garrastazu Médici, despertou a cobiça pela Amazônia. A história se repete com a construção da UHB.

Loureiro (2002) relata que na região amazônica obras desse porte geram enormes conflitos, entrando em choque com as populações naturais da região, quando destrói sua forma de vida, seu ambiente natural e sua identidade cultural. A partir do trecho abaixo é possível entender a situação enfrentada pela população.

Assim, as políticas públicas em curso na Amazônia apresentam vários problemas. Mas o mais fundamental é que, ao conceber povo e natureza da região como primitivos, tribais e atrasados, elas submetem o homem da Amazônia em geral a um conflitivo processo econômico que não respeita a cultura e o homem da região. (LOUREIRO, 2002, p.118)

A ausência de políticas desenvolvimentistas que levassem em conta a questão ambiental existe desde os governos militares, que se voltou para a Amazônia, sob o lema “integrar para não entregar”. Leroy (2005) destaca a visão que os militares tiveram e que persiste, mesmo após a redemocratização, de que a Amazônia seria um imenso “vão” de terra, com alguns poucos habitantes sem nenhuma instrução, “bárbaros”, como na visão contemporânea do centro-sul. O principal estado na rota destes projetos é o Pará.

A construção de hidrelétricas foi um dos assuntos mais preocupantes. Para Magalhães (2007), várias hidrelétricas já foram construídas desde a década de 70. Em uma época de “desenvolvimento” houve construção de várias usinas no âmbito brasileiro:

A partir do início dos anos 70, o Estado Brasileiro desencadeou um amplo programa de geração de energia hidrelétrica, através da implantação de grandes barragens, utilizando uma tecnologia que implica a formação de grandes lagos, conseqüentemente, inundando grandes extensões de terras, sendo estas terras em sua maioria ocupadas por camponeses. Ao longo destas três décadas, verificou-se a construção simultânea de várias barragens, espalhadas por todas as regiões do País. (MAGALHÃES, 2007, p.51-52)

Fearnside (2015) também relata algumas outras mudanças observadas na cidade que abriga o empreendimento principal referente à usina, entre essas mudanças está o inchaço populacional, que proporciona vários problemas sociais, econômicos e ambientais. A exemplo disso está o aumento do valor dos aluguéis que ficaram quatro ou cinco vezes mais caros do que era antes, para o autor morar na região tornou-se um desastre econômico.

Neste panorama, a perspectiva é de que haja mais empreendimentos na bacia do Xingu e de outros rios amazônicos em um futuro próximo. A região se apresenta como ideal para pôr em prática grandes projetos pelo seu relevo e riquezas minerais de grande proporção. Da década de 80 a 90 Belo Monte era um vulcão adormecido, mas constantemente com a presença de fumaça, foram feitos estudos para viabilidade da obra e a qualquer momento Belo Monte poderia entrar em erupção.

Mais de três décadas se passaram para se iniciar execução, o projeto começou a ser implantado no ano de 2011 sob a administração do consórcio Norte Energia. A previsão para produção de energia estava o primeiro semestre de 2015, mas a geração foi apenas no primeiro semestre de 2016 e a conclusão está prevista para o início de 2019. De acordo com o site Mundo Educação, da energia gerada apenas 3,2% será destinada para o estado do Pará, restante será ofertado para o resto do país, principalmente para indústrias produtoras de alumínio.

Fearnside (2015) também relata que o projeto ficou conhecido mundialmente pelas ameaças aos povos indígenas e entres outros povos que necessitam do rio e de toda a floresta para sobreviver. O impacto ambiental é incalculável, pois tradições e vidas foram afetadas desde o início das obras.

O “desenvolvimento” tanto pregado e desejado mostra que a Amazônia nunca deixou de ser cobiçada, sem voz de decisão, sem respeito do governo, sem autonomia. Em pleno século XXI os ditos civilizados continuam percebendo ainda como colônia esses povos tradicionais, que ainda prezam pela cultura, pelo contato e preservação da natureza. São esses povos que não receberão nada, pelo contrário, apenas perderão, como explica o autor.

Algumas vezes as autoridades admitem alguns impactos sobre a floresta, os peixes, os índios, etc., mas no final acaba enfatizando que o Brasil precisa dessa energia. Assim, com base nisso, dizem que as hidrelétricas precisam ser construídas de qualquer forma, não importam os impactos. Mas é preciso repensar o que está sendo feito com essa energia. Uma boa tomada de decisão deve levar isso em conta. (FEARNSIDE, 2015, p.5)

Diante destes problemas enfrentados em volta do rio Xingu entra em questão a tomada de decisão que desfavorece a comunidade que normalmente não ganham visibilidade no debate e têm suas vozes limitadas no meio social. Os colonizadores nada se diferem dos do século passado, chegam como um compressor que vem destruindo tudo pela sua frente sem enxergar a totalidade desta destruição.

Há um desinteresse, ou “interesses” sobre essa construção. O mais constrangedor é que o “quarto poder”⁵ está de braços cruzados, ou melhor, está garantindo os seus próprios interesses, afinal, a notícia atualmente, nada é apenas uma mercadoria e até mesmo como um instrumento.

⁵ O quarto poder é uma expressão utilizada como conotação positiva que a mídia (Meios de Comunicação) exerce tanto poder e influência em relação à sociedade quanto os três poderes nomeados em nosso Estado Democrático (Legislativo, Executivo e Social).

Dutra (2011) enfatiza os impactos que ações como a instalação da hidrelétrica de Belo Monte, podem gerar aos ecossistemas e às comunidades envolvidas. Desse modo, a inserção do autor torna possível uma análise global da temática Belo Monte, expondo causas e efeitos das ações praticadas pelas empreiteiras, como se pode constatar no seguinte trecho:

A concepção do projeto da hidrelétrica tem sido alvo de um longo e polêmico processo cuja discussão no país perdura há mais de 20 anos. O governo defende a importância da construção da usina para a segurança energética e desenvolvimento do Brasil, argumentando que a hidrelétrica vai gerar a energia necessária para dar continuidade ao processo de industrialização e manter um elevado ritmo de crescimento econômico. (DUTRA, 2011, p.4)

A exploração dos recursos hídricos compromete diretamente a vida dos ribeirinhos que residem as proximidades da construção da usina. Castro (2007) deixa claro que para desenvolver é necessário que os recursos estejam incorporados, não havendo ações predatórias do mesmo. Logo, desenvolver significa a junção de todo e qualquer recurso, sem que haja o uso predatório do mesmo ou dos mesmos, bem diferente do que tem sido apresentado as proximidades da (UHB), em Altamira.

A devida atenção deve ser direcionada à Amazônia, pois é lá que estão contidos os rios caudalosos que posteriormente podem servir de fonte energética, mas para que isto ocorra políticas ambientais devem atuar firmemente para resguardar a Amazônia e os que dela sobrevivem, como relata o autor:

É evidente que a Amazônia tem grande potencial hidrelétrico. Também é óbvio que a exploração desse recurso não pode ser desprezada em projeto nacional – e também original – de desenvolvimento. A exploração energética impõe, entretanto, uma política ambiental mais rigorosa. Primeiro, porque é preciso preservar o regime das chuvas e os rios, que podem ser assoreados. (CASTRO, 2007, p. 97)

Os recursos proporcionados pela Amazônia não podem ser deixados de lado, desde que se use de forma racional, para não gerar danos, ou seja, alterações que acarretem, por exemplo, nos leitos dos rios por conta do assoreamento. Contudo os usos dos recursos não devem ser de forma predatória e sim de forma racional pensando nas gerações futuras.

2- Histórico dos jornais paraenses

Para compreender melhor as matérias dos dois jornais impressos paraenses é preciso compreender que ambos nasceram com viés político. O Liberal, que circula principalmente na região Metropolitana de Belém e em várias regiões do estado foi criado com o intuito de reação política. A respeito do assunto, Seixas relata:

O Liberal é o mais antigo jornal em funcionamento na imprensa paraense. Foi criado em 15 de novembro de 1946 com finalidade político-partidária (O LIBERAL, 1946:1). Tal objetivo foi proposto claramente na capa da primeira edição. O jornal foi fundado pelo major Luiz Geolás de Moura Carvalho e outros políticos regionais, chefiados pelo coronel Joaquim Cardoso de Magalhães Barata, senador do Pará, à época, para fazer frente aos ataques dos adversários e da imprensa oposicionista do PSD, como o jornal Folha do Norte (SEIXAS, 2014, p.103)

O jornal era composto por Magalhães Barata – na época, líder do Partido Social Democrático (PSD) – Luís Geolás de Moura Carvalho, Lameira Bittencourt, dentre outros integrantes. De acordo com Seixas (2014), a finalidade na época era fazer um embate às críticas à Manuel Barata feitas pelo jornal Folha do Norte, do jornalista Paulo Maranhão. O Liberal sofreu uma mudança significativa em sua linha editorial quando foi adquirido por Ocyr Proença, em 1965, e passou a apoiar Alacid Nunes. Nunes fazia oposição ao candidato escolhido pelo PSD, o general Zacarias de Assumpção.

No ano seguinte, o jornal foi comprado por Romulo Maiorana e passou a ter uma linha editorial mais independente. Após a aquisição do jornal pelo jornalista e empresário Rômulo Maiorana, em 1966, a expressão das ideias do veículo se tornou mais sutil, embora fosse pregada a extinção de qualquer ideologia na produção jornalística. Sobre esta mudança:

A partir de 1966, quando foi adquirido por Rômulo Maiorana, o periódico passou também por mudanças editoriais que propuseram a ideia de uma postura mais profissional e apartada de interesses político-partidários. Porém, em função do assunto em pauta, o jornal mostrava e mostra sua posição, por meio de sua produção discursiva. (SEIXAS, 2014, p. 110-111)

O jornal se mantém no mercado sendo considerado um dos veículos mais importantes no cenário da imprensa da região. O jornal repercute em seus cadernos o que é notícia, mas o que é notícia? Gerar discussões em prol do entendimento da sociedade é dever do jornalista seja qual for o veículo que estiver inserido. Como relata o autor:

As origens do conceito de neutralidade jornalística se confundem com as do conceito de objetividade e imparcialidade jornalísticas. Isso porque quando o Jornalismo adquiriu autonomia social, no século XVIII, com a Revolução Burguesa ou Revolução Liberal, o Jornalismo na Europa assume duas vertentes: a opinativa –predominante na França – e a objetiva –na Inglaterra. (MELO, 1986, p. 95).

O jornal o Diário do Pará, também editado no estado do Pará, circula no estado em especial na região metropolitana de Belém surgiu também sobre contexto político disputando espaço e poder com O Liberal, que são considerados a grande imprensa impressa da capital.

O Diário do Pará surgiu em 22 de agosto de 1982, com o objetivo de apoiar a candidatura de Jader Barbalho ao governo do Estado do Pará (PINTO, 2007). À época de sua fundação, o jornal – cujo subtítulo era “Um Jornal da Planície” – estava sob a superintendência de Laércio Barbalho.

Leal (2007) apresenta algumas de suas memórias sobre a fundação do Diário do Pará. De acordo com o autor, a ideia de fundar um jornal já vinha desde o final dos anos 70, quando Jader exercia seu segundo mandato de deputado federal.

A desavença entre as famílias Barbalho e Maiorana é anterior à existência do jornal Diário do Pará, que surgiu com o objetivo de fazer propaganda da candidatura de Jader Barbalho ao governo do Pará, nas eleições de 1982. A respeito disso relata:

Nos três jornais em que trabalhei antes do Diário- a Província, O Liberal e O Estado- nunca vi um movimento tão intenso na redação como no início das atividades do jornal dos Barbalho, na época da campanha eleitoral de 82. (LEAL,2007, p. 21)

Quando Jader decidiu se candidatar ao Governo Estadual, logo teve a intenção de comprar um veículo que pudesse servir a este fim. Tentou comprar uma rádio. Não deu certo. A essa altura, Jader era deputado estadual e incumbiria colegas do curso de Direito da Universidade Federal do Pará (UFPA) de diversas funções no futuro jornal impresso que fundaria. Jader contava com apoio político de influentes lideranças.

Desde o início houve comprometimento do jornal com os aliados políticos, conforme demonstra Leal. Em pouco tempo, o Diário do Pará ganhou credibilidade junto ao público paraense e na esfera política, o que o escritor atesta:

O que o Diário publicava tinha repercussão oficial e ganhava foros de verdade na área governamental. Evidente que a circulação do jornal não é a mesma de hoje, quando atinge um quarto de século de existência e já está sedimentado na opinião pública, sem contar a extinção da província, que o favoreceu na cotação bipolar dos leitores paraenses, divididos agora entre dois jornais de circulação diária, ainda que se possa aceitar pequena vantagem do Liberal aos domingos. (LEAL,2007, p. 73)

Embora a mudança de circulação nos dias atuais e a segmentação do público leitor com demais veículos, o Diário do Pará se consolidou no jornalismo do estado e é tido hoje como um dos principais e conhecidos veículos na região. Assim ambos veículos se tornaram concorrentes, não apenas de um público pagante, mas principalmente rivais políticos. Atualmente o Liberal está atrelado ao partido PSDB, do atual governo estadual e o Diário do Pará continua atrelado ao PMDB tendo o senador Jader Barbalho, como seu dono.

3- Metodologia

A abordagem da pesquisa se utilizou da metodologia qualitativa, uma vez que foram analisados os conteúdos e os respectivos discursos dos jornais impressos na plataforma eletrônica de O Liberal e Diário do Pará, analisado no mês de março de 2016. O período foi escolhido pela necessidade de acompanhar as notícias da consolidação das após as obras de Belo Monte e seu funcionamento, além da cobertura e a intensidade das informações.

No O Liberal, foram analisados os cadernos “Atualidades” e “Poder”. No Diário do Pará, foram os cadernos “Cidades” e “Brasil.”. As matérias que apenas citam a construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte foram descartadas, priorizando assim matérias que carregavam a temática da usina como seu principal teor. A pesquisa foi feita partir dos itens: matéria; com ou sem foto; página ímpar ou par; quais enfoques dos títulos e subtítulos; fontes citadas; gancho das matérias (teor) e texto do gancho (o que subsidia o gancho). As matérias foram qualificadas dentro dos critérios classificatórios: econômico, meio ambiente, político, social, amazônico e outros. Mediante a pesquisa qualitativa "é sabido que toda e qualquer classificação se faz mediante critério. Com relação às pesquisas, é usual a classificação com base em seus objetivos gerais." (GIL,1987, p.41)

A partir da classificação exigida pelos critérios foi feita a tradução em números, sendo ponto de partida para que se chegue ao objetivo que é evidenciar o tratamento que a imprensa local se voltou a Belo Monte.

Essa tradução é feita na pesquisa quantitativa que abrangeu ainda o levantamento com a contagem do material relacionado ao número de matérias veiculadas sobre a usina neste período. Também a pesquisa vem se utilizando da contagem das vezes que apareceu os itens econômico, meio ambiente, político, social, amazônico, personagem e outros, pretende-se mostrar através dos fatos e dos números o grau de relevância com que foi tratada a implantação e construção de Usina Hidrelétrica de Belo Monte.

Ao abordar assuntos sobre Belo Monte foi necessário a pesquisa bibliográfica, pois o assunto requer embasamento teórico, no qual foi preciso ter uma certa solidez sobre o tema, com pesquisas pertinentes de outros autores. Para Gil (2012) é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.

A pesquisa Documental também foi utilizada, pois a proposta necessita de vários documentos que servirão de base para o estudo e de objeto de pesquisa para a análise. O acervo utilizado do Diário do Pará e do o Liberal são os disponíveis em plataformas digitais, O Liberal que requer assinatura para sua utilização e o Diário do Pará que disponibiliza livremente seu conteúdo para os usuários.

4- Análise de março de 2016

As matérias publicadas sobre Belo Monte nos dois veículos no período de março de 2016 mostra claramente o envolvimento político de cada jornal. Foi observado que houve predomínio de matérias veiculadas no Jornal O Liberal, que publicou 7 matérias, como mostra o quadro abaixo:

Quadro 1- Quantidade de matéria de março de 2016

Nº	TÍTULO	CADERNO	EDIÇÃO
01	Hospital de Altamira está fechado há 1 ano	Poder	2/03/2016
02	Delação revela propina em Belo Monte	Poder	13/03/2016
03	Delcídio do Amaral cita Jader na delação premiada	Atualidades	13/03/2016
04	Propina de Belo Monte irrigou campanha eleitoral	Poder	14/03/2016
05	Propina era paga a Jader, Renan e Silas	Poder	16/03/2016
06	Propina financiou campanhas do PMDB	Poder	20/03/2016
07	Deputado pede esclarecimentos sobre empréstimo para Belo Monte	Poder	23/03/2016

Fonte: Pesquisa, 2016.

O Diário do Pará publicou apenas 1 matéria como mostra o quadro abaixo:

Quadro 2- Quantidade de matéria de março de 2016

Nº	TÍTULO	CADERNO	EDIÇÃO
01	MP quer parar Belo Monte	Brasil	22/02/2016

Fonte: Pesquisa, 2016.

Neste período é importante destacar que a usina já está instalada e às vésperas de sua inauguração grandes empresas, políticos e infelizmente a imprensa estiveram relacionados na tomada de decisão da construção que perdura desde a Ditadura Militar. Um fato relevante observado nas matérias de março de 2016 é o aumento de matérias de cunho político em O Liberal. Tal fato se deve à proximidade da data de inauguração das operações da Usina Hidrelétrica Belo Monte à época. Nestes dois meses, ficou evidente a intenção de persuadir o público-leitor por parte de O Liberal. Todas as matérias relacionadas a Belo Monte tiveram o cunho Político, o que fica claro o interesse de colocar à tona os erros de políticos de sua oposição, como relatam os trechos abaixo:

Entre os senadores, destacam-se Renan Calheiros, Edson Lobão, Jader Barbalho, Romero Jucá e Valdir Raupp. Passaram pelas mãos desse ‘time’ as UHEs Jirau & Santo Antônio e Belo Monte entre outras obras, além da Usina Nuclear de Agra dos Reis. (O LIBERAL, 13/03/2016, ATUALIDADE, p. 3)

Em delação premiada firmada com o Ministério Público Federal no âmbito da Operação Lava Jato, o senador Delcídio Amaral (PT-MS) apontou aos investigadores um esquema de desvio de dinheiro nas obras da Usina de Belo Monte que abasteceu campanhas eleitorais. (O LIBERAL, 14/03/2016, PODER, p. 6)

Observa-se claramente que o Liberal possui uma ligação política com o governo estadual (PSDB), sendo oposição do governo federal (PT/PMDB) e que apesar de tentar manter a imparcialidade foi possível perceber o seu lado político. Será que se fosse ao contrário, se o governo realizador da obra fosse o PSDB teriam várias matérias?

No cenário político paraense fica nítido a participação da imprensa, que acaba sendo conivente com a elite, mas sendo a imprensa algo que precisa ter credibilidade há várias maneiras de driblar suas questões políticas influenciando seu posicionamento de maneira sutil, que acaba, por fim apenas beneficiando seus próprios interesses, mas camuflando e se fazendo parceira da população. “Nos países em desenvolvimento, que com toda a justiça podem ser descritos como sociedades dualistas, há um grande perigo de que a elite perca o contato com as massas, cujas necessidades e condições desconhecem”, relata Kunczik (2002, p.340).

O interesse social ficou de lado durante esse período. O que mais contou, neste momento foram as delações da oposição, na figura do senador Jader Barbalho, que conseqüentemente é o dono do outro grupo empresarial da imprensa paraense do Diário do Pará, este último, no mesmo mês publicou apenas uma matéria, nada foi falado sobre os desvios de verbas das empreiteiras, envolvendo o PMDB, partido de Jader Barbalho.

Neste cenário político em que a grande imprensa está envolvida é importante reavaliar o papel do jornalismo. Os afetados na construção da Usina de Belo Monte não foram ouvidos. As matérias estão fortemente relacionadas às questões políticas e seus personagens. Todo esse âmbito jornalístico, que vai além do jornalista ou da organização, tem baseamento na Teoria do Jornalismo chamada Instrumentalista, sendo difundida através dos meios de comunicação de massa, a notícia passa a ser um instrumento da política para ganhar a massa, que passa a ter sua opinião influenciada por interesses segmentados.

Segundo a teoria instrumentalista, explicada por Pena (2005), as notícias estão intimamente ligadas a determinados interesses políticos, cujos interesses podem ser de

esquerda e de direita, ou seja, a medida que os fatos ocorrem eles podem ou não se tornar notícias que geram ou não questionamentos, de direita e de esquerda.

As notícias sobre política tendem a ser de “esquerda”⁶, logo, elas mantêm o chamado *status quo* capitalista, palavra em latim que significa o estado atual. A palavra *status quo* está relacionada ao estado de fatos, situações e coisas, independente do momento, ela pode vir acompanhada de outra palavra, neste caso de “capitalismo”, como cita Pena:

O instrumentalismo parte de um paradigma de pesquisa baseado nos chamados estudos da parcialidade, cujo objetivo é verificar a existência ou não de distorções nos textos noticiosos. Entretanto, há duas interpretações diferentes para mesma teoria. Na versão da ‘esquerda’, as notícias são vistas com instrumentos para manter o *status quo* capitalista. Na versão da ‘direita’, elas são usadas para questionar o mesmo sistema. (PENA, 2006, p.146).

Partindo desta premissa surge o questionamento sobre as notícias que foram publicadas nos jornais impresso Diário do Pará e O Liberal que envolveram as obras de construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte (UHB), no município de Altamira, no Pará. Sabe-se que a construção da hidrelétrica norteia inúmeros interesses seja ele político e/ou econômico, por parte dos jornais que a noticiaram.

No geral, as notícias da esfera pública, lugar onde é discutida a política, são manuseadas pela comunicação de massa, acaba privilegiando as fontes que mais convêm à imprensa. Este ato de privilegiar estas fontes estimula a reprodução da ideologia dominante, ou seja, a maioria tende a esconder opiniões contrárias às ideologias de um grupo menor formando a chamada espiral do silêncio, ou seja, uma maioria se torna silenciada pela minoria que detém os meios e influenciam silenciosamente na chamada opinião pública.

Isto acarreta em uma série de consequências para maiorias silenciosas inseridas nas sociedades democráticas. Nesse contexto, a teoria Espiral do Silêncio entra em cena que, segundo Pena (2005), o indivíduo opta pelo silêncio com medo da solidão. Conforme explica Noelle-Neuman (1993), a teoria “Espiral do Silêncio” busca persuadir inconscientemente, através da mídia, o receptor da mensagem. As “verdades” propagadas pelos meios de comunicação acabam se tornando reais para quem as recebe, mesmo que não o sejam de fato, dado que o convencimento se dá pela veiculação contínua do conteúdo.

É possível afirmar que O Liberal agiu desta maneira ao publicar somente matérias de cunho político, com teor “propagandístico”, a respeito de Belo Monte, tão próximo do início de suas operações. Vale salientar que essa “propaganda” se deu no sentido de

⁶ Termo político usado na imprensa contemporânea, ocasionalmente para refletir para se refletir a lados opostos da direita ou que se opõe.

denegrir o empreendimento, principalmente após a revelação de elos entre a empresa responsável pela execução da obra, que já era investigada na operação “Lava Jato”, e outro esquema de propina, referente à Belo Monte.

Das sete matérias publicadas em março de 2016, todas estavam relacionadas às propinas desviadas na construção por políticos ligados ao senador Jader Barbalho. Assim é notável que a política utilize a imprensa como um instrumento de persuasão, a fim de alcançar seus objetivos e interesses.

Durante o mesmo período foi possível novamente observar o silêncio do veículo Diário do Pará. A imagem abaixo exemplifica essa situação. No dia 16 de março de 2016, a manchete de O Liberal foi a seguinte: “Propina era para Jader, Renan e Silas”. É possível perceber também, de como as matérias se diferenciam de um jornal para o outro, quando o tema é o mesmo, como nas imagens abaixo:

Figura 1:



Figura 1: O Liberal, 16 de mar.2016, p.3.

Fonte: www.orm.com.br

Figura 2



Figura 2: O Liberal, 20 de mar.2016, p.3.

Fonte: www.orm.com.br

A manchete da figura 1 se refere ao senador Jader Barbalho, pertencente à família que gere a organização da qual faz parte o Diário do Pará, principal concorrente de O Liberal, Renan Calheiros, presidente do senado federal, e a Silas Rondeau, ex-ministro de minas e energia, todos do PMDB. Segundo Kunczik (2002), o detentor do poder procura dar a impressão de estar representando os interesses de toda a população, mostrando uma ideologia do bem comum, mas esse mesmo detentor do poder, demonstrou empiricamente que o grupo ou partido governante, sempre representa interesse particulares.

A edição de 20 de março, da figura 2 retoma o assunto, citou os nomes de Jader, Renan e Silas, após acordo de delação premiada com a Justiça Federal, e a publicação explora o fato no sentido de demonstrar as consequências de um governo petista. É importante lembrar que o PMDB fazia parte da base aliada do governo, inclusive ocupando importantes ministérios, e a vice-presidência na época, como mostra a figura 2.

O Diário publicou apenas uma matéria sobre Belo Monte no mês de março, mostrando mais uma vez seu silêncio nos assuntos que envolve às obras. E agora mais do que nunca o Diário do Pará teve motivos para esse silêncio, levando em consideração o envolvimento do dono da empresa, Jader Barbalho, com o desvio de verbas da obra, em que o dono do veículo está envolvido, neste caso O Liberal aproveitou a situação e colocou em evidência a situação. A matéria tratou apenas do descumprimento de condicionantes por parte da Norte Energia, responsável pela operação da usina. Como mostram a figura abaixo:

Figura 3



Figura 3: Diário do Pará, 09 de mar.2016, A3.

Fonte: <http://digital.diariodopara.com.br>

É possível analisar que em nenhum momento houve preocupação com as condutas indevidas praticadas por pessoas ligadas tanto ao empreendimento quanto ao jornal Diário do Pará. Em contrapartida, O Liberal também não denunciou os vícios na construção da obra por desejar servir à sociedade paraense. Em ambos os casos, ficou evidente aquilo que se verifica corriqueiramente às vésperas de eleições, quando os dois veículos tentam persuadir discretamente o leitor. Neste recorte jornalístico, observamos o predomínio da teoria instrumentalista na análise visto que há um fortemente teor político no conteúdo das publicações agregados à determinados interesses segmentados e induzidos como opinião majoritária à luz da teoria Espiral do Silêncio.

Considerações Finais

A análise deste período nos permitiu retirar uma pequena mostra do universo da informação e observá-la e relacioná-la sob parâmetros de estudos já realizados sobre a comunicação e seus efeitos, além do conhecimento crítico e argumentativo obtido ao longo do curso de jornalismo. Tratar um assunto como a usina hidrelétrica de Belo Monte, ou melhor, observá-lo foi um exercício de verificação das bases teóricas sob a ótica prática do campo comunicacional.

As notícias dos jornais paraenses sobre a construção da Usina de Belo Monte deram uma aula, ao analisar todos os pontos críticos da imprensa local desde o histórico de cada jornal até os seus critérios ao publicar determinada notícia. Vale ressaltar que a profissão jornalística tem uma função social, como todas as outras profissões. O mundo vive em sociedade, no qual cada cidadão possui sua responsabilidade social. A do Jornalismo é a informação, sendo ela fundamental para tomadas de decisões, trâmites econômicos e políticos.

No decorrer da pesquisa, houve a revelação do elo entre as obras da usina e um esquema de desvio de dinheiro destinado para sua construção. Após o fato, procurou-se estabelecer minimamente uma conexão com o que fora divulgado. Ainda assim, como a questão era também política, pois, uma vez mais, houve a intenção de “proteger” os envolvidos, dentre os quais Jader Barbalho, por parte do Diário, e de ataca-los, por parte de O Liberal, tentou-se incluí-la na análise.

Assim, o interesse público em todas suas vertentes do âmbito social, tais como meio ambiente e Amazônia foram sufocados pelo eixo empresarial e político dos grupos. Os jornais pouco difundiram notícias de cunho social e ambiental, especialmente neste período no qual a usina inicia seu funcionamento e os impactos sob as populações envolvidas ganham evidência. Dado este panorama, concluímos com a autora Noelle-Newman (1993), pois os dois veículos procuraram “induzir” o público a pensar da forma que lhes era conveniente.

REFERÊNCIAS

BOAS, Sergio Vilas. **Formação e informação científica: jornalismo para iniciados e leigos** /Sérgio Vilas Boas, São Paulo: Summus, 2005

CASTRO, Márcio Henrique Monteiro de. **AMAZÔNIA - soberania e desenvolvimento sustentável**. Brasília: Confea, 2007.

DUTRA, Manuel. **A Usina Hidrelétrica de Belo Monte em pauta.** Conservação Internacional: editora. Belo Horizonte MG, 2007.

FEARNSIDE, Philip M. **Hidrelétricas na Amazônia:** impactos ambientais e sociais na tomada de decisões sobre grandes obras. Manaus: Editora do INPA, 2015.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** Editora: Atlas S.A. São Paulo: Paulus, 2004.

GOMES, Wilson. **Transformações da política na era da comunicação de massa.** São Paulo: Paulus, 2004.

HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga. **Teorias da comunicação:** Conceitos, escolas e tendências. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

KUNCZIK, Michael. **Conceitos de Jornalismo:** Norte e sul: Manual de comunicação. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

LEAL, Expedito. **Um jornal de campanha.** Campinas: Editora Komedi, 2007

LEROY, Jean-Pierre. **Política ambiental do governo Lula para a Amazônia.** Relatório da Rede Social de Justiça Social e Direitos Humanos. São Paulo. 5 f. 2005. Disponível em <WWW.social.org.br>

LOUREIRO, Violeta Refkalefsky. **AMAZÔNIA: uma história de perdas e danos, um futuro a (re)construir.** ESTUDOS AVANÇADOS 16 (45), 2002

MAGALHÃES, Sônia Barbosa. **Lamento e Dor:** Uma análise sócio-antropológica do deslocamento compulsório provocado pela construção de barragens. Belém, 2007. Tese (Doutorado), Ciências Sociais, Universidade Federal do Pará, Brasil; Universidade Paris 13, França, 2007.

MELO, José Marques de. **Jornalismo Opinativo:** Gêneros opinativos no Jornalismo Brasileiro. 3. ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

NEUMAN, Elisabeth, **La Espiral del Silencio.** Opinión Publica: nuestra peil social, Paidós, Barcelona, 1995.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo.** São Paulo: Contexto, 2005.

PINTO, Lúcio Flávio. **Contra o Poder.** Editora: Smith. Belém, 2007.

SEIXAS, Netília Silva dos Anjos. **Jornalismo e ironia:** produção de sentido em jornais impressos no Brasil. Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras, Recife, 2006.

SEIXAS, Netília Silva dos Anjos; CASTRO, Avelina Oliveira de. **Imprensa e poder na amazônia:** a guerra discursiva do paraense O Liberal com seus adversários. 2013. 19- Curso de Comunicação, Cultura e Amazônia, Universidade Federal do Pará, Belém, 2013.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo:** Porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, Ed. 2, 2005.